

# Números que o país não pode pagar

Valter Melo

Somente da parcela principal (mesmos juros e serviços) da dívida externa brasileira, estão vencendo 14,430 bilhões de dólares. Em juros, a última estimativa do Banco Central — pois esta parcela varia muito — indicava pagamentos de 9,3 bilhões de dólares e mais 3 bilhões de dólares de outros serviços. Se o país se desse ao luxo de honrar tudo isso em 1987, as exportações teriam de gerar um superávit neste valor. Como nada indica que isso ocorra, o governo quer negociar a rolagem (adiamento do pagamento) de cerca de 10,3 bilhões de dólares devidos aos bancos privados estrangeiros e uma parte que é devida a instituições financeiras de países da Europa, Estados Unidos e Canadá, que se reúnem no Clube de Paris para cobrar seus créditos.

Em fins de janeiro, os negociadores brasileiros conseguiram o reescalonamento de 4,122 bilhões de dólares junto ao Clube de Paris, sendo 2,49 bilhões de dólares do principal e 782 milhões de dólares de juros de 1985 e 1986 e parte dos vencimentos de 87 (850 milhões de dólares). Foi dado um prazo de seis anos, com três de carência.

## Emprestam e recebem

Com os bancos privados internacionais (débito de 10,3 bilhões de dólares) a rolagem é pacífica, pois o que interessa aos banqueiros, no momento, é que o Brasil garanta pelo menos o pagamento dos juros. As negociações se complicam quando da fixação do total a ser rolado, assim como os prazos para pagamento e a carência. Os pagamentos da dívida externa brasileira estão concentrados entre 1986 e 1994, conforme o último perfil desenhado pelo Banco Central. O projeto do Brasil para resolver pelo menos em parte esse problema é o de sempre — consolidar as obrigações vencíveis nesse período num «pacote» e jogar os pagamentos para o futuro. É também aceito que os bancos forneçam algum dinheiro novo a mais, para ajudar no cumprimento dos juros e de parte do principal. Em outras palavras: que os banqueiros forneçam dinheiro para que o Brasil pague a eles próprios.

Mas o problema imediato é o dos juros, que não podem ser adiados. Grosso modo, o país precisa de 12 bilhões de dólares anuais para não ficar inadimplente. Essa quantia pode proceder de várias fontes, tais como do superávit comercial (exportações menos importações), novos empréstimos dos bancos privados, do Banco Mundial, do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), dos investidores externos e dos governos estrangeiros. Todos os anos, os banqueiros têm dado sem muita relutância créditos de curto prazo — cerca de 16 bilhões de dólares — para financiar o comércio exterior brasileiro, mas dinheiro de longo prazo o Brasil não vê desde 1983.

As dificuldades enfrentadas pelo país no momento estão em que as multinacionais deixaram de trazer dólares para investimento, a balança comercial não está gerando superávits suficientes para pagar juros e amortizações ao Banco Mundial, ao FMI, ao BID. O Clube de Paris não tem fornecido novos empréstimos e todos os 4 bilhões de dólares que o FMI emprestou em 1983 e 1984 agora estão sendo pagos com juros e as amortizações. Aquela instituição emprestaria mais, se o Brasil não se negasse a rezar por sua cartilha, mais uma vez.

## Os devedores

Em fins de novembro, a dívida externa brasileira havia somado, em dólares, 101,369 bilhões, dos quais 93,640 bilhões de dólares registrados e 7,729 bilhões de dólares não registrados. Mas como nessas cifras são incluídas várias moedas (iêne japonês, marco alemão, libra inglesa, lira italiana, dólar canadense, franco francês, franco suíço) a quantia em dólares norte-americanos varia na medida em que esta moeda se valoriza ou apresenta queda de cotação perante as demais. O próprio Banco Central acreditava, em dezembro último, que a dívida externa havia chegado a 108 bilhões de dólares em função do desgaste do dólar-EUA.